NACIONALISMO COMO TRADIÇÃO NA LITERATURA PORTUGUESA

NATIONALISM AS TRADITION IN PORTUGUESE LITERATURE

Danglei Castro Pereira[1]

RESUMO: O artigo comenta o nacionalismo enquanto tema na literatura portuguesa, tomando como premissa inicial a ideia de que os temas literários, dentro de uma tradição, manifestam pontos de confluência. Abordaremos o sentido de resgate cultural e a valorização do histórico como recorrente na literatura em Portugal. Nosso principal objetivo é comentar como a presença do nacionalismo apresenta-se como tensão temática na literatura portuguesa por meio do cotejo de diferentes obras. O estudo focaliza, então, a permanência e distanciamento do nacionalismo no construto da tradição literária em Portugal.

Palavras chave: literatura portuguesa, tradição, nacionalismo.

ABSTRACT: The article comments nationalism as an issue in Portuguese literature, taking as a starting premise the idea that literary themes, within a tradition, manifest points of confluence. We discuss the meaning of cultural revival and development of the historical as recurring in the literature in Portugal. Our main goal is to comment the presence of nationalism as a thematic tension in Portuguese literature through the collation of various works. The study focuses on the permanence and detachment of nationalism in the construct of the literary tradition in Portugal.

Keywords: Portuguese literature, tradition, nationalism.

INTRODUÇÃO

Ao abordarmos a presença do nacionalismo como tema revisitado na literatura portuguesa, acreditamos ser pertinente discutir, inicialmente, a delimitação do conceito de tradição, entendido aqui, na aresta do que propõe Todorov (1994). Para Todorov (1994) a tradição resulta do contato e ressonâncias temáticas e/ou estéticas em diferentes obras ao longo do tempo, o que delimita uma fonte temática de influência dentro de um conjunto de produções literárias em dada sociedade. É por meio da tradição que os temas culturais são retomados e discutidos ao longo do tempo, conduzindo, neste percurso, a pontos temáticos em constante diálogo dentro de uma tradição.

Bloom (1994) comenta que um texto sempre remonta a uma obra anterior, atualizando, ampliando ou revitalizando temas ao longo do tempo. Estes temas estabelecem

[1] Universidade de Brasília / danglei@unb.br

diálogos nem sempre amigáveis com o presente, formando elos de influência ligados aos valores culturais de determinada sociedade. É, no entanto, pelas proximidades estilísticas e pelas recorrências temáticas ora tensivas ora confluentes que pensamos em uma linha temática recorrente em dada diversidade paradigmática no constructo historiográfico em literatura.

Chamamos a atenção para o fato de que é no interior dos diálogos entre textos, perceptíveis ao longo do tempo histórico, que as fontes ou paradigmas estéticos/temáticos de uma tradição são revitalizados em um processo contínuo de construção e recuperação dos textos literários como fontes da tradição ao longo do tempo, o que incluiria os diálogos intertextuais, conforme Bakhtin (1994)[2].

Para Anatol Rosenfeld (1976) essa constante revitalização de temas e estilos constrói-se a partir do que o crítico delimita como o *Zeitgeist*, ou seja, o espírito unificador que interliga todas as manifestações literárias em um determinado recorte temporal dentro da tradição. O *Zeitgeist*, neste sentido, é parte integrante na construção da tradição, pois remonta em nível profundo a manutenção de temas e posicionamentos ideológicos cifrados nas estruturas textualizadas.

No escopo deste trabalho discutimos a permanência do nacionalismo como tema na tradição literária portuguesa pensando em um percurso histórico dentro do que podemos classificar como *continum* de tradição. A idéia de *continum*, recuperada das considerações de Bloom (1994), é compreendida como diálogo entre diferentes fontes literárias ao longo do tempo. Neste, as constantes interferências e atualizações de um tema, quando de sua evocação em obras literárias, produz uma proximidade temática perceptível em diferentes contextos de produção.

O percurso adotado, neste sentido, comenta a organização do nacionalismo e a busca por afirmação da cultura portuguesa e, por fim, a permanência deste tema em autores como Carlos Oliveira e Antonio Lobo Antunes. Entendemos que o resultado desta permanência pode ser compreendido em um espaço derrisivo face à utopia nacionalista na tradição literária portuguesa.

O trabalho propõe como hipótese a presença de um percurso ufanista e sua reorganização reflexiva ao longo do tempo na literatura em Portugal.

DUAS FACES DO NACIONALISMO NA LITERATURA PORTUGUESA

Feitos os comentários iniciais, passamos a um aspecto temático relevante para o desenvolvimento do trabalho: delimitar a ideia de nacionalismo que iremos adotar neste texto. Machado de Assis (1987), em "Instinto de nacionalidade", comenta que o nacionalismo é um percurso temático que filtra diferenças culturais rumo à afirmação do singular e do individual, sem, contudo, fixar exageradamente a visão de cunho nacionalista exclusivamente sob o escopo do exótico e pitoresco, comuns às representações indianistas do romantismo brasileiro, por exemplo.

[2] Não cabe aqui discutir pormenorizadamente o conceito de intertextualidade, dialogismo ou polifonia, como proposto por Bakhtin (1994), antes indicar que a recuperação estilística de diferentes textos ao longo do tempo implica, também, em adequações temáticas dispersas no tempo histórico. Esta temática amplia por demais as discussões deste artigo e, por isso, será retomada em estudos futuros.

Para o crítico, o nacionalismo suplanta os localismos em um processo de recondução da ideia de identidade filiada ao exótico e pitoresco como única forma de expressão do viés nacionalista. Esta visão do nacionalismo dialoga tensivamente com as considerações de Almeida Garrett (1978, p. 305), por contingência, Ferdinand Denis (1978) e, no Brasil, Gonçalves de Magalhães (1978) para quem o nacionalismo passa pela afirmação da diferença, portando, do singular e do local, muitas vezes, amalgamado à ideia de exótico e pitoresco.

Em Garrett (1978) a exaltação da terra e dos costumes do homem português em *Viagens na minha terra* questiona a artificialidade das ninfas neoclássicas deslocadas para o vale do Tejo em uma visão **derrisória** da tradição árcade, que parece, aos olhos do narrador das viagens, descaracterizar a afirmação do nacional. O resultado é um nacionalismo que aponta para a afirmação do local como singular e, por isso, se volta para a focalização do espaço lusitano como fonte de identificação à cultura portuguesa em uma clara contestação às influências francesas e inglesas na cultura lusitana na segunda metade do século XIX.

Garrett (1978) propõe, então, a veiculação do nacional à necessidade de os poetas elegerem elementos representativos do espaço natural ao qual estão ligados. Para o poeta:

> a imensa cópia das composições pastoris, as quais não são riqueza, mas desperdício de nossas musas, ou pecam por empoladas, por inverossímeis, por baixas, por demasiado naturais, por sobejo elevadas. Um meio termo dificílimo de tocar, de nele permanecer, um estilo singelo como o campo, mas não rústico como as brenhas, são dos mais difíceis requisitos que de um poeta pode exigir. (GARRETT, 1978, p. 305)

Quando retomamos Garrett (1978) e Assis (1987) o fazemos como forma de identificar um ponto tensivo face à temática nacionalista e que parece importante para pensarmos a tradição nacionalista na literatura portuguesa. Assis (1987) opera uma crítica ao tom exótico e pitoresco como necessário para a construção de um nacionalismo mais amplo que, segundo o autor, caminha em direção ao tom universal; ao passo que Garrett aponta a necessidade de afirmação da cor local como um caminho para o nacionalismo. Em outros termos, Garrett (1978), no excerto supracitado, fala em "brenhas" em "desperdício de nossas musas" como forma de apontar para a necessidade de valorização do contexto português face às correntes que influenciavam as produções literárias portuguesas no século XIX; ao passo que Assis (1987) compreende como nacional a adoção de procedimentos mais abstratos que filtram as influências como forma de expressão do local sem, contudo, fixar-se exageradamente no pitoresco e no exótico do cenário nacional, no caso, falando da tradição brasileira.

A construção de um processo de síntese entre o exagero "brenhas" e o "singelo campo" é apontado por Garrett (1978) como um caminho intermediário na focalização do espaço como forma de delimitar o tom natural que, em nível profundo, remete a ideia de nacionalidade, de pertencimento. A confluência entre a visão mais abstrata de Assis (1987) e a busca pela identificação ao local em Garrett (1978) é possível quando pensamos que os dois autores parecem compreender a importância de traços de nacionalidade literária; mas indicam caminhos tensivos presentes na focalização do espaço natural na literatura de fundo nacionalista. Pensamos, neste sentido, que

nos dois autores as diferenças estéticas – adoção ou não de traços identitários ligados aos elementos representativos da "cor local" – filtram influências mais profundas, passando, neste percurso, por uma acomodação dos temas locais em direção ao nacionalismo em um caráter mais abstrato e, por vezes, questionador face ao exótico e o pitoresco.

É justamente o sentido de permanência ao local e sua reorganização para além do exótico e do pitoresco que possibilita a aproximação das considerações de Assis (1987) e Garrett (1978). Entendemos que os dois autores, embora apresentem pontos de divergência quanto à alusão aos elementos naturais de cada região, Brasil e Portugal, empreendem uma contraposição aos "localismos universais". A necessidade de focar a realidade específica como forma de marcar uma identidade aparece nos dois autores como decorrente de uma visão mais abstrata face ao exótico e o pitoresco, o que desloca o olhar nacionalista de uma visada puramente ufanista ligada a este espaço.

A valorização do espaço e do homem lusitano na obra de Garrett encontra no poema "Camões" e em *Viagens na minha terra,* exemplos contundentes. No poema "Camões" o *eu-lírico* embebido por um sentido de nacionalidade valoriza a tradição literária como forma de exaltar a nação portuguesa. Camões evocado como personagem de um poema, em muito ufanista, representa o retorno à tradição e expõe a fratura política e econômica pela qual passa Portugal sob a ameaça de invasão napoleônica e inglesa.

Este percurso de valorização do local como prolongamento do histórico em direção a uma crítica a descaracterização do local pode ser observado no contato tensivo do lusitano com o outro em *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano. Neste romance histórico a figura de Eurico transfigurado no Cavaleiro negro encarna o valor do homem lusitano e, ao mesmo tempo, expõe sua fratura, posto que os valores dogmáticos, implícitos na construção do personagem, apontam ironicamente para a decadência do modelo medieval português. Isto conduz a uma ironia subjacente na construção do personagem face à estagnação do homem lusitano preso aos valores remissivos do passado, lembremos o recuo histórico do romance em discussão, mas em franca modernização na Europa do século XIX, momento em que o romance é escrito.

Teríamos em Garrett e Herculano, vozes de afirmação do nacionalismo na correlação espaço nacional e fatores históricos ligados a um passado lusitano, porém ultrapassado no limiar do século XX na Europa e, sobretudo, em Portugal ao final do século XIX. Este percurso de resgate ufanista do passado, porém, deixa implícita a fragilidade de compreender o nacionalismo português na relação harmônica entre estado de alma lusitana de fundo medieval e as transformações do espaço natural face aos valores históricos de fim de século XIX em Portugal.

O resultado é a construção de personagens fragmentados que buscam o contato com a tradição medieval, mas ao fazê-lo expõe a contaminação do sentido de pureza ou integridade do português em contato com o outro em um processo histórico de espoliação econômica e dependência política, sobretudo após as guerras napoleônicas. É neste prolongamento que as fraturas internas da cultura lusitana podem ser entendidas como temas em convivência tensiva com o passado de glórias da nação lusitana e sua iminente decadência ao final do século XVIII com desdobramentos até a primeira metade do século XX.

OS LUSÍADAS: UMA FONTE

Antes de iniciarmos esta etapa da discussão, lembramos, novamente, que compreendemos o termo tradição como resultado de recorrências temáticas e estéticas dispersas ao longo das obras literárias. É por meio destas retomadas que encaminhamos a discussão dos textos citados até este momento do trabalho como representantes do nacionalismo português, para além da afirmação do local como proposto por Garrett.

A ideia de nacionalismo ganha força na tradição portuguesa nos primórdios da constituição de Portugal como país de grande influência no contexto europeu até o final do século XVI por meio da expansão ultramarina. O poema épico *Os Lusíadas* pode ser lembrado como uma das importantes fontes para a compreensão do nacionalismo português neste contexto histórico. No dizer de Saraiva (1990) o nacionalismo português é resultado de uma tentativa de manutenção do valor e grandiosidade de Portugal face às dificuldades históricas enfrentadas pelo país ao longo dos séculos e os Lusíadas encarnam o espírito grandioso do homem lusitano e, por vezes, do homem ibérico.

O nacionalismo em *Os Lusíadas* é movido, neste sentido, por um sentimento de busca e valorização das raízes de Portugal, sua gente e cultura. *Os Lusíadas*, no dizer de Victor Ramos (1974), representa o

> contraste dramático entre um sonho que se queria grande e uma realidade que se mostrou pior do que tudo quanto se previa, esse choque brutal que, de um dia para outro, deu outro sentido à epopeia. Após 1580 falar da missão imperial lusíada poderia parecer uma dolorosa ironia, referir as glórias passadas era um acerbo remexer de ferida. (RAMOS, 1974, p.14)

"O contraste dramático" nas palavras de Ramos (1974) ilustra a idéia de uma ironia permeando a composição das glórias das "armas e os barões assinalados/ Que, da ocidental praia lusitana,/Por mares nunca dantes navegados,/ Passam ainda além da Tropabana". Por um lado, teríamos no poema épico camoniano a expressão das glorias do povo português metaforizadas na figura heróica de Vasco da Gama e na narração entusiasmada dos feitos e vitórias dos reis lusitanos; por outro, a inferência da queda do imperialismo marítimo e a posterior decadência econômica de Portugal após o século XVIII.

O fracasso ou fragilidade da grandiosidade do homem luso cria um movimento interno de ironia dentro do poema épico, posto que o valor do herói individual em Vasco da Gama perde espaço quanto associado ao tom de advertência perceptível em algumas passagens do poema. Esta ideia pode lançar luz ao tom inquiridor presente, por exemplo, no episódio do "Velho do Restelho", só para citarmos um momento em que fica explicito o tom de preocupação imposto pelo *eu-épico* diante dos feitos dos portugueses.

A deterioração dos valores lusitanos em decorrência das riquezas encontradas no Novo mundo aponta, em nível profundo, para a desorganização econômica e social imposta pelas viagens ultramarinas no contexto histórico de Portugal. Pensamos que o viés épico de tom ufanista em *Os lusíadas* incorpora uma visão irônica, concordando com Ramos (1974), uma vez que à grandeza dos feitos de Vasco da Gama – metáfora individual do povo lusitano – subjaz à consciência da fragilidade do imperialismo lusitano e dos ganhos culturais adquiridos na aventura ultramarina de Portugal em terras desconhecidas.

Ao identificarmos este paradoxo por um lado, *Os Lusíadas* expressa a necessidade de valorização do espaço e da cultura de Portugal como apontado nas alusões a Almeida Garrett e Alexandre Herculano; mas, por outro, cria um efeito de advertência que alude à fragilidade do imperialismo lusitano em fragmentos como, por exemplo, o Velho do Restelho, a fala das lavadeiras, a visão messiânica de fundo sebastianista e a composição do episódio lírico-amoroso de fundo trágico de Inês de Castro.

Surge, neste sentido, uma linha temática que afirma a fragmentação cultural de Portugal ao apontar para a fragilidade do sentido de permanência do homem lusitano como detentor das glórias imortalizadas na proposição de *Os Lusíadas*. Nesta linha de leitura, em *Os Lusíadas* teríamos um paralelo entre a grandiosidade das vitórias de Vasco da Gama em episódios como a "ilha dos amores", nas descrições entusiasmadas da perícia bélica portuguesa e nos inúmeros comentários de fundo histórico que perpassam a obra, contraposto ao viés irônico implícito, por exemplo, na visão do *eu-épico* que acredita nesses feitos, mas, para isso, ignora os apelos de permanência, de retorno às origens diluído ao longo do poema, sobretudo, nos episódios comentados no parágrafo anterior.

O nacionalismo em *Os Lusíadas*, nesta linha de raciocínio, é formado por um viés dialético que conjuga euforia e consciência crítica, para não dizer, ironia. Pensando nisso, podemos identificar dois paradigmas formativos do percurso nacionalista em Portugal: a valorização nostálgica da grandiosidade lusitana e a percepção crítica da fragilidade desta valorização. Ambos estariam subjacentes à composição de *Os Lusíadas* que, por isso, é tomado neste trabalho como fonte para as discussões que seguem.

O DUPLO COMO PONTO DE PARTIDA NA TRADIÇÃO PORTUGUESA

Em *A ilustre casa dos Ramires* e *A cidade e a serras*, de Eça de Queiroz teríamos exemplos de como a dualidade apontada há pouco é sentida ao longo da tradição literária em Portugal, o que problematiza a compreensão do nacionalismo ufanista como único caminho construtivo deste viés temático na tradição portuguesa. No caso de Eça de Queiroz a presença do saudosismo e da melancolia diante de um Portugal em estado de transformação econômica em meados do século XIX dita o tom saudosista de Gonçalo Ramires na composição da novela histórica "A torre de D. Ramires", espécie de nobiliário que funciona como fundo histórico ao romance de Eça de Queiroz.

A novela histórica de Gonçalo Ramires, personagem central de *A ilustre casa*, neste sentido, é um relato implicado que revela em nível profundo a estagnação dos valores hierárquicos que deram sustentação ao que podemos identificar como modo de vida português até século XVIII. A decadência da Casa dos Ramires justifica um posicionamento crítico diante da fragilidade da sociedade tradicional lusitana que tem em Gonçalo um representante.

O tom medieval da novela de fidalgos em busca do resgate histórico da "casta dos Ramires" metaforiza na alusão aos modelos medievais decadentes e denuncia, paradoxalmente, a decadência do conjunto de valores postos como tradicionais por Gonçalo Ramires. Do contraste entre a tradição medieval e a nova sociedade emergente ao final do século XIX surge a metáfora da decadência econômica e moral atravessada por

Gonçalo Ramires. Em *A cidade e as serras* teríamos um desdobramento deste percurso crítico, pois o contraste cidade *versus* campo sugere como tema de tese do romance que os modelos arcaicos sucumbem face à nova ordem social imposta a Portugal após o século XIX.

É no resgate irônico da tradição centrada em um passado em muito decadente que Eça expõe por meio de seus dois romances a necessidade de superação do passado como forma de apresentar novos rumos ao desenvolvimento de Portugal. É justamente por esta perspectiva que temos a possibilidade de leitura irônica como mola construtora do nacionalismo crítico de Eça de Queiroz. O resultado é a deflagração da decadência econômica sentida pela impossibilidade de Gonçalo Ramires dar termo a sua novela, metáfora concreta da superação dos modelos medievais que tem no fidalgo um exemplo.

Nos dois romances é latente a necessidade de inclusão do homem português no processo de reorganização da nação. Retomando *Viagens na minha terra,* lembramos que para Garrett (1978) é preciso que o sujeito reconheça seu papel dentro do cenário tradicional e opte por valorizar sua cultura então na eminência da decadência; em Eça esta adesão é o que determina a trajetória de perda das origens que movimenta a narrativa simbólica de *A cidade e a serras* e faz de Gonçalo Ramires um fidalgo sem pátria, sem espaço e, por isso, superado pela nova conjuntura política e econômica de Portugal ao final do século XIX.

Uma vez superada a dualidade inicial entre a permanência da tradição e sua superação os valores nacionais em Portugal conduzem a percepção em eco das advertências do velho do Restelho em *Os Lusíadas*. Gonçalo Ramires percebe a inoperância da tradição histórica sem o diálogo com o novo, mas permanece preso ao passado. Essa nova forma de lidar com a realidade lusitana é metaforizada, dentro da *Ilustre Casade Ramires*, menos pelo esvaziamento do discurso histórico, antes pela deflagração das transformações sociais vividas pelos personagens centrais no romance.

Em *Casa na Duna* teríamos outro exemplo do desgaste dos valores do passado enquanto elemento utópico no nacionalismo português. Em Carlos Oliveira, já no início do século XX, a explicitação do questionamento ao passado de conquistas do povo lusitano encontra na metáfora decadente da *Casa na duna* um exemplo da inoperância do passado ante as alterações políticas e sociais em Portugal após o século XIX. A fábrica fracassada, o desmoronamento da "casa" construída metaforicamente no passado, areia, determina a trajetória de fracassos presentes no romance. Carlos Oliveira aponta para o fim de um percurso: a manutenção do passado e a impossibilidade de regresso.

É por conta deste percurso decadente que a "estrada", metáfora da modernização do país, dá fim ao sonho da indústria de telhas e impossibilita a retomada da influência de Mariano Paulo, o que implica, na linha de leitura deste texto, na explicitação do fim de uma época de glórias em que o sobrenome configura um sentido de plenitude e força política. Os personagens Gonçalo Ramires e Mariano Paulo não conseguem revitalizar a tradição que ironicamente tentam preservar, são ícones de um passado que não pode ser resgatado. O resultado é um lirismo melancólico preso ao passado lusitano e aos valores culturais do país ibérico, mas, ironicamente, superados pela modernização de Portugal no início do século XX. É neste contexto de ironia diante de uma tradição decadente que procura perpetuar-se que se pode entender, conforme Saraiva (1990), o nacionalismo português como um movimento de resistência às constantes mudanças

políticas e econômicas enfrentadas pela nação portuguesa ao longo do século XIX, o que revela, pela presença da ironia, a explicitação de um dilema.

Esta tensão diante do resgate das origens lusitanas pode ser encontrada, também, em autores lusitanos do século XX. Na poesia de Fernando Pessoa teríamos um dos exemplos mais emblemáticos. Os versos "Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito/ E a cor das flores é transparente de as velas grandes de grandes navios/ Que largam do cais arrastando nas águas por sombra /Os vultos ao sol daquelas árvores antigas" que abrem o poema "Chuva oblíqua"; bem como a obra enigmática de Alberto Caeiro em contraste ao tom cosmopolita de "Tabacaria", de Álvaro de Campos, fornece um exemplo da heterogeneidade do resgate cultural aqui comentado.

A ideia aqui defendida é a de que na valorização dos espaços culturais de representação do homem lusitano a tensão entre o pertencimento a nação e a presença de certo distanciamento do passado de plenitude conduz à fratura da imagem hegemônica associada ao nacionalismo como tema utópico na literatura portuguesa. Assis (1987), neste sentido, contempla uma ideia de fusão de valores culturais que pressupõe o deslocamento do local enquanto espaço restrito de nacionalidade em direção a uma visão mais ampla na qual local e universal encontram espaços de convivência tensiva no nacionalismo lusitano. Pensamos identificar, na linha de investigação deste estudo, este percurso disperso, ainda que de forma simbólica, na tradição literária portuguesa.

É por conta deste percurso dissonante – pertencer e ao mesmo tempo resignar-se por este pertencimento à cultura portuguesa – que aludimos a um sentido irônico subterrâneo ao nacionalismo português. Em "Chuva oblíqua" o *eu-lírico* identificado ao espaço lusitano em transformação é levado, pela necessidade de aceitação do novo, ao contato com a transposição do passado em um novo conjunto de valores culturais, agora mais híbrido.

> (...)
> O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
> Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar...
> Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir a vidraça
> E sente-se chiar a água no fato de haver coro...
>
> A missa é um automóvel que passa;
> Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...
> Súbito vento sacode em esplendor maior
> A festa da catedral e o ruído da chuva absorvendo tudo
> Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
> Com o som de rodas de automóvel...
>
> Apagam-se as luzes da igreja
> Na chuva que cessa
>
> (...) (PESSOA, 1989, p. 158)

O "esplendor do altar-mor" suplanta os "montes" e as referências ao interno, ligadas a descrição da igreja e seus rituais na missa, são apresentados em contraste com as referências ao moderno: automóveis e sons que advém do exterior. As referências lacônicas ao passado e ao som da chuva nos vitrais da igreja parecem reorganizar os

sentidos do eu-lírico, face ao passado. A aparente dispersão dos valores dogmáticos deslocados pelo olhar sinestésico do eu-lírico cria uma espécie de transe que, em nível profundo, silencia a missa via sensações auditivas provocadas pela confluência sonora no poema. Este percurso desloca as imagens e rituais da missa, metáfora do passado, em direção ao novo, ironicamente, amalgamado ao fim da chuva no poema.

Ao questionar a validade da permanência aos valores tradicionais, missa, e indicar a presença do novo, "Chuva oblíqua" cria uma tangente para a percepção de um novo Portugal. O *eu-lírico* de "Chuva oblíqua", metáfora do novo, cai pelo "abismo feito de tempo" ao introduzir fleches cosmopolitas que funcionam como ironia diante do passado metaforizado na focalização ambígua dos elementos da tradição em meio ao novo, novamente, fazendo referência a uma metáfora de modernização presente nos automóveis e nos sons que vem da rua a perturbar os que estão dentro da igreja, ou seja, presos ao passado e assolado pela "chuva", o novo.

A evocação do "carrossel" de lembranças da infância e do "jockey amarelo" seriam exemplos deste processo de atualização do passado de glorias pela "esfinge enigmática" que o poema "Chuva oblíqua" impõe como forma de observar a tradição em uma perspectiva enviesada, oblíqua. Este posicionamento – questionar à tradição por meio de novas referências ao tempo presente – possibilita perceber o incomodo do *eu-lírico* de "Chuva oblíqua" face à rigidez da tradição no poema comentado.

Ao mesmo tempo poderíamos pensar na aproximação ao tom irônico de Antônio Lobo Antunes em *Os cus de Judas* quando da ideia de pureza nacional, novamente pensando a fragilidade da busca lusitana por delimitar uma identidade presa aos valores lusitanos: pertencimento a terra e aos valores cristãos, lembrando Garrett (1978).

> Fique comigo agora que a amanhã de Malanje incha dentro de mim, vibra dentro de mim, invertida, agitações deformadas de reflexo, e estou sozinho no asfalto da cidade, perto dos cafés e do jardim, possuído de um insólito desejo sem objeto, indefinido e veemente, a pensar em Lisboa, na Gija ou no mar, a pensar nas casas de putas sob eucaliptos e nas suas camas repletas de bonecas e *naperons*. O medo de voltar ao meu país comprime-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse, estive longe demais, tempo demais para tornar a pertencer aqui, a estes outonos de chuvas e de missas, estes demorados invernos despolidos como lâmpadas fundidas, estes rostos que reconheço mal sob as rugas desenhadas, que um caracterizador irônico inventou. Flutuo entre dois continentes que me repelem, nu de raízes, em busca de um espaço branco onde ancorar, e que pode ser, por exemplo, a cordilheira estendida do seu corpo, um recôncavo, uma cova qualquer do seu corpo, para deitar, sabe como é, a minha esperança envergonhada. (ANTUNES, 2003. p. 222)

Ao pensarmos em *Os cus de Judas* fica evidente não só no excerto citado, mas ao longo do romance, que o nacional, no caso o lusitano, é contaminado pela visão do personagem ambientado à África. A alusão a uma impossibilidade do resgate do puramente lusitano aparece deslocada uma vez que o personagem "flutua" entre dois continentes. Com os pés firmes na duplicidade, no fragmentário o narrador reconhece sua hibridez. A "cordilheira estendida" comparada ao corpo da mulher, não só Gija, mas a mulher africana e negra simboliza o contato do português com o novo continente, fato que pode conduzir ao efeito metafórico associado à figura feminina no romance.

Nele a mulher, Gija, surge como prolongamento do continente e, neste sentido, as "covas do corpo" alinhadas ao tom de cordilheira estendida, sempre às mãos do narrador, compreende como o contato com o novo é traumático para o homem lusitano. Nesse contato, o narrador produz a reorganização dos valores do lusitano, agora incompreendido dentro de seu próprio conjunto de valores culturais e, ao mesmo tempo, deslocado pela condição de estrangeiro da matriz cultural africana. A constatação da contaminação do lusitano assume, assim, fator central na construção do romance de Lobo Antunes, fato prolongado pela ambiguidade do sentido de pertencimento aos dois espaços – Portugal e África – evocado no excerto; mas presente como eixo temático no romance de Antunes (2003).

O "aqui", nesse caso, evoca Portugal, mas também evidencia sua distância. Pensar nesta dinâmica – distanciamento e proximidade – conduz a valorização do contexto português não pela afirmação do local, mas pela constatação de sua hibridez no paralelo com o outro, o estrangeiro. É neste contexto de questionamento ao local que podemos situar a obra de Lobo Antunes e, mais especificamente, a narrativa irônica de *Os cus de Judas*, como exemplo de um percurso questionador face ao nacionalismo utópico enquanto tema na literatura portuguesa.

No olhar irônico, anunciado em nível profundo em *Os lusíadas* e materializado ao longo do tempo encontramos o sentido de hibridez cultural do lusitano, o que proporciona a reflexão sobre o processo colonial português como uma das formas de externar a tensão nacionalista em Portugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concluirmos este texto achamos prudente comentar que nosso objetivo foi estabelecer uma linha de discussão que tomou o tema nacionalista como uma constante dentro da tradição literária portuguesa. Apontamos para a possibilidade de pensar tensões na representação do nacionalismo português.

Sabemos da brevidade do estudo, porém, acreditamos que no diálogo entre tradição e inovação temática na literatura portuguesa pensamos uma forma irônica na constituição do homem português como representante unilateral de sua cultura. Em outros termos, ao pensar um viés irônico no nacionalismo lusitano; compreendemos que existe uma ambiguidade na representação unilateral dos valores culturais lusitanos após o contato com novas formações culturais ao longo da História.

Lembramos à guisa de conclusão, que o nacionalismo na tradição portuguesa é uma importante fonte temática, mas, em seu interior, compreendemos um traço irônico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. L. **Os cus do Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ASSIS, M. de. "Instinto de nacionalidade". In. ____. **Obras completas:** crítica. São Paulo: Aguillar, 1987. pp. 767-778.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BERRINI, B. **Brasil e Portugal:** a Geração de 70. Porto: Campo das Letras, 2003. BRANCO, Camilo C. Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros (comentado por Camillo Castello Branco). Lisboa: Mem. Martins: Europa-América, 1984.

BLOOM, H. A.; **Angústia da influência.** São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTRO, F. de. **Ao fim da memória** *(1906-1939)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1986.

CAVALCANTI, P. **Eça de Queiroz, agitador no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

CERVO, A. L.; MAGALHÃES, J. C. de. **Depois das Caravelas**: as relações entre Portugal e o Brasil (1808-2000). Organização e apresentação de Dário Moreira de Castro Alves. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

CIDADE, H. **Luís de Camões**: a obra e o homem. 4. ed. Lisboa: Arcádia, 1980

FIGUEIREDO, Fidelino de. **História Literária de Portugal.** São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1996.

GARRETT, A. A restauração das letras, em Portugal e no Brasil em meados do século XVIII. In. ____. CESAR, G. (Org.). **Historiadores e críticos do romantismo**: 1 a contribuição européia: crítica e história literária. São Paulo: Edusp, 1978.

OLIVEIRA, C. **A casa na duna**. São Paulo: Duas cidades, 1990.

PEIXOTO, M. D. F. **A Revista Brasil-Portugal (1907-1910)**: elementos para uma leitura das relações culturais luso-brasileiras. Coimbra, 2000. 103p. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade de Coimbra.

PESSOA, F. **Obras completas de Fernando Pessoa**: poesia. São Paulo: Ática, 1989.

QUEIROZ, E. **A ilustre casa dos Ramires**. São Paulo: Objetiva, 2000.

QUEIROZ, E. **Acidade e as serras**. São Paulo: Objetiva, 2000.

RAMOS, V. Introdução aos Lusíadas. In. CAMÕES, L. V. **Os Lusíadas**. São Paulo: Cultirx, 1974, pp. 7-25.

ROSENFELD, A.; Aspectos do romance moderno. In. ____. **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SARAIVA, A. J; LOPES.; O. **História da Literatura Portuguesa**. Porto. Porto Editora, 1990.

SARAMAGO, J. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Record, 1993.